

Maria Francisca Xavier
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

O DATIVO EM PORTUGUÊS E EM INGLÊS

Na gramática do português associamos, normalmente, o Nominativo ao sujeito sintáctico da frase finita e ao da frase com infinito flexionado, assim como associamos o Acusativo, o Dativo, etc., a complementos verbais.

O Acusativo é o caso do argumento-complemento Tema - objecto directo/complemento directo - que faz parte da grelha de caso dos verbos com argumento externo e argumento interno, os verbos transitivos, e é o caso do argumento-complemento Experienciador de alguns verbos psicológicos, daqueles que têm o Experienciador como argumento interno, como mostram os exemplos seguintes:

(1)a. o João deu-o/o quadro

Ac
Tema

b. o João preocupa-a/a Maria

Ac
Experienciador

E o que é o Dativo? Vejamos o que diz o Dicionário de Termos Linguísticos 2, p. 75: "caso dativo: valor casual atribuído a um sintagma nominal que tem, tipicamente, a relação de complemento indirecto, com o significado de alvo. Termos relacionados: caso inerente; morfologia casual e teoria do caso"

Repare-se que a palavra "tipicamente" salvaguarda outras situações que são consideradas como não sendo típicas.

Começemos por recordar que nem sempre o complemento indirecto tem a interpretação de Alvo. Porque o papel temático Alvo pressupõe a Deslocação, ou seja, a trajetória de um Tema, a partir de uma Fonte e na direcção de um Alvo, mas o Alvo pode não ser o complemento indirecto e ser o sujeito, por exemplo:

(2) o João recebeu uma carta do Porto
Alvo Tema Fonte

E, por sua vez, o papel temático Alvo para ser Dativo tem de ser restringido semanticamente como [+animado]. De facto, é um sub-grupo de verbos de Deslocação, simultaneamente Agentivos, é que tem um complemento indirecto Alvo (Xavier 1989).

Na classe dos verbos Psicológicos alguns têm caso inerente Dativo, relacionado com um complemento indirecto interpretado como Experienciador, que é um Lugar Psicológico. Por exemplo:

(3) o filme agradou-lhe/ao João
Dat
Experienciador

Outros verbos ainda, geralmente transitivos, podem criar um Dativo interpretado como Benefactivo. Este não é um papel temático inerente do predicado verbal, que pode ter ou não o papel temático inerente Alvo, é, no entanto, criado na sintaxe, em construções com Agente e Tema. Por exemplo:

(4) a Maria resolveu o problema ao João
Dat
Benefactivo

É verbos há que têm um complemento indirecto, interpretado como Tema, Lugar, etc., com caso Oblíquo diferente do caso Dativo. Por exemplo:

(5)a. o João gosta de Évora

Obl
Tema

b. o João chegou a Évora

No último livro de Vilela (1992) encontramos, tal como em Campos e Xavier (1991), que, em português, ao objecto directo corresponde o Acusativo e ao objecto indirecto corresponde o Dativo, o que é verdade relativamente aos verbos transitivos com dois complementos. Vilela refere vários Dativos, o Dativo Livre, o Dativo Ético, etc., e deixa a questão em suspenso, comentando que há muito a dizer sobre o Dativo.

Historicamente, como sabemos, tanto o latim, estrato do português, como o inglês antigo tinha uma gramática com morfologia casual, distinguindo-se o Acusativo, o Dativo e ainda outros casos através de flexões nos elementos dos sintagmas nominais argumentos-complementos. E aqueles casos eram regidos por determinados verbos e por determinadas preposições.

Em inglês antigo, por exemplo, as preposições regiam complementos no Acusativo, no Dativo, no Genitivo e no Instrumental:

(6) inglês antigo

after Acusativo/Dativo/Instrumental
from Dativo/Instrumental
of Dativo
mid Dativo/Instrumental

| | |
|-----|--|
| tō | Dativo/Genitivo/Instrumental |
| wid | Acusativo/Dativo/Genitivo/Instrumental |

E as flexões casuais tinham, naturalmente, relevância não apenas sintáctica mas também semântica, uma vez que delas dependeria em parte qual a interpretação dos complementos das preposições.

Com a evolução gramatical que se verificou tanto no inglês, como na transição do latim para o galaico-português, os complementos das preposições perderam os morfemas flexionais de caso, passando a ser sempre do mesmo tipo o caso atribuído por qualquer preposição no interior de cada uma das línguas aqui consideradas. Actualmente a interpretação dos complementos das preposições depende apenas da relação estrutural com a preposição regente e, eventualmente, da relação com um verbo, quando se trata de um argumento-complemento seleccionado por este último.

A correspondência que encontramos entre caso e função sintáctica nas frases activas com verbos transitivos típicos com dois objectos/complementos, ou seja, com aqueles verbos que têm um argumento externo, sujeito, Agente, e dois argumentos internos - o argumento-complemento Tema, Acusativo, e o argumento-complemento Alvo, Dativo, verificava-se outrora, tal como se verifica actualmente no português e no inglês. Veja-se, por exemplo:

(7)a. hē sode heom ðn biſpell (ingl. antigo)

Dat Ac

b. he told them one parable

c. ele contou-lhes uma parábola

A alternância da posição estrutural dos argumentos-complementos, exemplificada em (9), não é possível no português, como também não o era no inglês antigo:

- (10)a. ele contou uma parábola a SN
- b. *ele contou SN uma parábola
- c. hē sade SN+flex an bispell
- d. *hē sade an bispell tō SN

E, embora já existisse a preposição tō, que podia atribuir caso Dativo ao seu complemento, esta não realizava o Dativo inerente do verbo transitivo. A preposição tō regia, por exemplo, o infinito flexionado que manifestava Dativo em inglês antigo, e regia também SNs com a interpretação de Lugar.

É um facto que o português e o inglês evoluíram no sentido da substituição do caso morfológico pelo caso estrutural, em que preposições realizam os casos inerentes das principais categorias lexicais nas sequências do tipo de (11):

(11)(1) [V SN P SN]

(11) [V/N/A P SN]

Acontece, no entanto, que o inglês conserva muito viva a construção de duplo objecto sem preposição lexical, também conhecida por construção applicativa, em que o argumento Alvo [+animado] e o Benefactivo são considerados Dativos mesmo não sendo precedidos das preposições to e for, respectivamente. Nestas situações, o Dativo significa uma relação sintáctica e semântica de SNs com o traço [+animado] associada aos verbos transitivos

várias e óbvias as diferenças entre o inglês antigo e o inglês actual, entre o inglês e o português, e entre o espanhol, o português e o inglês. Só o inglês antigo e o espanhol apresentam, naqueles exemplos, a mesma correspondência entre o caso e o papel temático.

Ora vejamos o que se passa no exemplo português (12a) e no exemplo inglês (12b). O verbo *gostar* tem o argumento Experienciador funcionando como sujeito, tal como acontece com *like*, mas ao contrário deste, aquele não atribui caso estrutural e selecciona a preposição *de*, que desempenha essa função, e que atribui um caso Obliquo diferente do Acusativo, que seria o caso esperado, visto o Experienciador ser argumento externo, ser sujeito.

Em inglês antigo e em espanhol os verbos *gustar* e *lician* têm Dativo inerente associado ao argumento Experienciador, e realizam-no morfologicamente, como acontece em português com outros verbos da mesma classe, por exemplo, *agradar* e *interessar*, exemplificados em (13):

(13)a. *isso agrada-lhe*

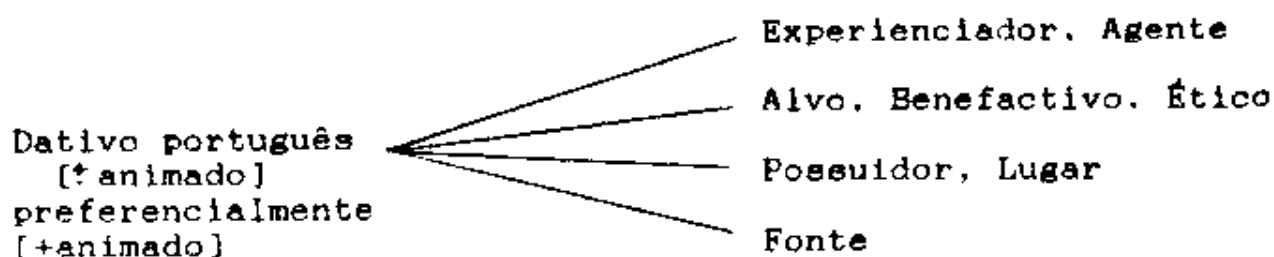
| | |
|------------|----------------|
| Nominativo | Dativo |
| Tema | Experienciador |

b. *isso interessa-lhe*

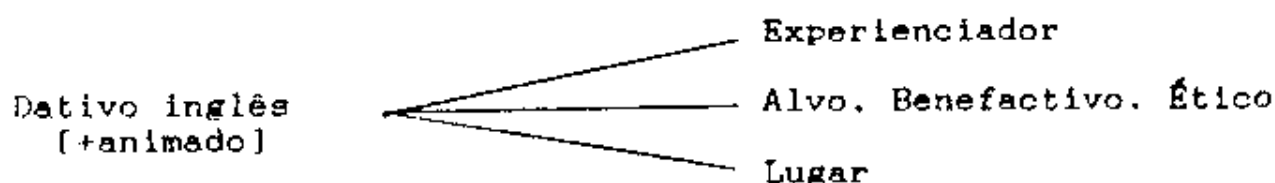
Ao contrário do que se passa em português e se passava no inglês antigo, os verbos desta classe em inglês actual têm sempre a mesma grelha de caso quando o Experienciador é um complemento. Vejam-se os exemplos (14):

E. para terminar, os esquemas (16) e (17) fazem a síntese da significação do Dativo em português e em inglês actuais, amplamente exemplificada em Xavier (1989):

(16)



(17)



Embora o Dativo seja um conceito complexo tanto em português como em inglês engloba mais informação em português do que em inglês. Este facto resulta da existência de elementos funcionais diferentes em cada língua.

Assim, a maior complexidade do Dativo em português está relacionada com a multiplicidade de ocorrências da preposição *a* e do clítico Dativo *lhe*, a par, em inglês, por um lado, da restrição nas ocorrências da preposição *to*, o que torna esta preposição semanticamente mais transparente, por outro lado, da especificidade do pronome objecto - *it*, *him*, *her* - que, embora

não revele caso morfológico, é distinto quanto ao género gramatical.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. (1988). *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago, University of Chicago Press.
- BELLETTI, A.; L. RIZZI (1987), "Psych-Verbs and θ -Theory", *Natural Language and Linguistic Theory* 6(3), 1988, 291-352.
- CAMPOS, M.H.; M.F. XAVIER (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- KAYNE, R. (1984), *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht, Foris.
- VILELA, M. (1992). *Gramática de Valências. Teoria e Aplicação*, Coimbra, Almedina.
- XAVIER, M.F. (1989^a) "Funções das Preposições *de* e *a* em Português. Um Estudo Diacrónico" in *Actas do 19º Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas*, Santiago de Compostela.
- XAVIER, M.F. (1989^b). *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais. Um Estudo Contrastivo das Preposições *a*, *de*, e *to*, *from**. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- XAVIER, M.F. (1990). "A Categoria Preposição na Gramática do Português. Um Estudo da Preposição *a*" in *Actas do 5º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 317-329.
- XAVIER, M.F. (1991). "O Caso Inerente e a Preposição Nula" in *Actas do 6º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 490-503.
- XAVIER, M.F. (1992). "Complementação Lexical e Variação na Seleção Preposicional" in *Actas do Encontro Regional de Viana do Castelo*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 25-33.
- XAVIER, M.F.; M.H. MATEUS orgs. (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*, 2º vol., Lisboa, Cosmos, Associação Portuguesa de Linguística, ILTEC.